
Situação da Paternidade no Mundo em 2023

**Colocar o Cuidado
no centro de um
Mundo em Crise**

SUMÁRIO EXECUTIVO



SUMÁRIO EXECUTIVO

Imagine um mundo que coloca o cuidado no centro das prioridades políticas e da vida cotidiana. Um mundo em que todos tenham acesso a cuidados de saúde e educação, em que homens e rapazes partilhem os cuidados em pé de igualdade com mulheres e raparigas, em que a licença parental para todos os pais e mães seja a norma, e em que todos os agregados familiares disponham de estruturas de cuidados infantis de qualidade, a preços acessíveis e de apoio para cuidar das pessoas mais idosas da família.

Colocar o cuidado, e os sistemas de cuidados, no centro significa afirmar que homens, mulheres e pessoas de todos os géneros têm responsabilidades de cuidar, que o cuidado constitui trabalho qualificado e que é uma parte central das nossas vidas. Significa que os governos são responsabilizados por colocar os cuidados antes do lucro e por investir em infraestruturas de cuidado. Um mundo que coloca o cuidado no centro deve também reconhecer que todas as formas de cuidados estão interligadas, seja para nós próprios, para as outras pessoas, para as nossas famílias, para as nossas comunidades, para os nossos países ou para o nosso planeta.

Esta visão parece estar longe daquela em que vivemos atualmente. Os cuidados, remunerados e não remunerados, são, e devem ser, uma responsabilidade universal. Historicamente, as tarefas de cuidado têm sido assumidas sobretudo por mulheres e raparigas - e, conseqüentemente, são subvalorizadas, frequentemente não reconhecidas e não são remuneradas ou são mal remuneradas. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), são realizadas diariamente mais de 16 mil milhões de horas de trabalho de cuidado não remunerado - um

montante que representaria 9 % do PIB mundial, ou cerca de 11 biliões de dólares por ano, se fosse pago com o salário mínimo.

A maior parte do trabalho de prestação de cuidados não remunerado e do trabalho doméstico é realizada por mulheres e raparigas, embora os homens em alguns contextos, especialmente nos países de rendimento médio e alto, estejam a fazer mais do que no passado. No Sul Global, as mulheres fazem 3 a 7 vezes mais, enquanto no Norte Global, as mulheres fazem 1,2 a 2 vezes mais. Porque é que os homens não estão a fazer a sua parte? Os obstáculos à igualdade de cuidados vão desde políticas que não apoiam a igualdade na prestação de cuidados, às decisões familiares sobre o trabalho remunerado, à pobreza, às normas sociais e aos privilégios de alguns homens. Globalmente, os homens gastam apenas 19% do seu tempo total de não-lazer em trabalho não remunerado, em comparação com 55% para as mulheres.

Este relatório, *Situação da Paternidade no Mundo 2023: Colocar o Cuidado no centro de um mundo em crise*, sublinha os resultados da investigação sobre os papéis de homens e mulheres na prestação de cuidados e as barreiras que impedem a participação igualitária na prestação de cuidados. Os dados provêm de um inquérito online a que responderam cerca de 12 000 pessoas em 17 países. O inquérito analisou não só quem presta cuidados, mas também como prestamos cuidados, a quem e o que pensam homens e mulheres sobre cuidado.

Concluimos, com base em relatórios anteriores sobre a Situação Mundial da Paternidade, que uma visão feminista interseccional de uma economia do cuidado precisa de homens e rapazes - para valorizar o trabalho de cuidado, tanto remunerado como não remunerado, para realizar uma parte igual do trabalho de cuidado não remunerado em casa e para defender, juntamente com as mulheres, a igualdade de cuidados nos locais de trabalho e nas instituições públicas.

Da Argentina à Irlanda, da Austrália a Portugal, da China à Croácia, do Ruanda à Índia, a investigação mostra que muitas mulheres e homens, e pessoas de todas as identidades de género, apelam a que os cuidados estejam firmemente no centro de todas as nossas vidas e exigem políticas que os destaquem. A pandemia fez-nos pensar mais seriamente sobre o significado do cuidado e sobre a forma como este constitui a base que sustenta toda a nossa vida. Os homens dizem que estão a prestar cuidados e estão dispostos a agir para fazer mais. Mas continuam a existir muitas barreiras - estruturais, normativas, individuais e financeiras - a esta partilha igualitária. Embora a nossa nova investigação encontre esperança, também descobrimos - tal como o referem outros dados - que o ritmo da mudança é demasiado lento. As nossas principais conclusões e recomendações estão resumidas de seguida.

QUEM SE PREOCUPA E COMO SE PREOCUPAM

Os cuidados importam a todas as pessoas. 63% das pessoas inquiridas cuidam de um/a parceiro/a, 60% cuidam de crianças e 36% cuidam de familiar idosa/o. 24% são responsáveis por crianças e pessoas idosas, e uma em cada cinco cuida de alguém com deficiência.

Apesar destas múltiplas responsabilidades na prestação de cuidados, mulheres e homens referem-se, na sua esmagadora maioria, à prestação de cuidados em termos positivos e afirmam que esta lhes traz felicidade e bem-estar. Homens e mulheres que expressam satisfação com o seu envolvimento na educação dos/as filhos/as têm 1,5 vezes mais probabilidades de concordar que “sou a pessoa que sempre quis ser” e de sentir gratidão.

Mas nem todas as famílias falam da prestação de cuidados em termos positivos. Mulheres e homens com maiores dificuldades económicas são

quem apresenta mais probabilidade de se referir ao trabalho de prestação de cuidados como mais cansativo do que agradável.

Em diversos países, os homens estão a assumir mais trabalho de cuidado, talvez um efeito da COVID, embora as mães, em geral, continuem a fazer mais. As mães continuam a realizar mais tarefas de limpeza da casa, cuidados físicos e emocionais às crianças, cozinhar e cuidar do seu parceiro. No entanto, em muitos países, os pais (homens) dizem que realizam muitas horas de diferentes tipos de tarefas de cuidado não remuneradas em casa. E 70% a 90% dos homens em 15 países concordaram que “Sinto-me tão responsável pela prestação de cuidados como a minha companheira”.

Homens que cuidam mais emocionalmente de si próprios - o que significa que estão conscientes de quando precisam de ajuda ou de apoio emocional e que procuram efetivamente esse apoio - têm mais probabilidades de afirmar que cuidam dos outros. Os homens que dizem que cuidam de si próprios a nível emocional têm 2 a 8 vezes mais probabilidades de cuidar de um membro da família. E aqueles que cuidam dos outros podem experimentar um maior bem-estar: os inquiridos que afirmam estar satisfeitos com o seu envolvimento na educação dos filhos têm 1,5 vezes mais probabilidades de concordar que “Sou a pessoa que sempre quis ser” e de sentir gratidão.

A prestação de cuidados por parte dos homens varia consoante os países e dentro de cada país. Mesmo nos países em que, em média, os homens não estão a fazer a sua parte do trabalho de prestação de cuidados, há alguns homens que estão a fazer uma parte igual e que colocam os cuidados no centro tanto quanto as mulheres. E mesmo nos países em que se alcançou uma situação mais próxima da igualdade, há agregados familiares com grandes disparidades entre o trabalho de cuidados não remunerado dos homens e o das mulheres, o que continua a constituir um importante obstáculo à plena participação das mulheres na vida pública e, mais genericamente, à igualdade de género.

Embora os pais (homens) se sintam igualmente responsáveis pelo trabalho de prestação de cuidados, em geral, as mães continuam a ser quem mais prestam cuidados. As mães são mais responsáveis pela limpeza da casa, pelos cuidados físicos e emocionais das crianças, por cozinhar e por cuidar do seu parceiro. No entanto, em muitos países estudados, os pais (homens) afirmam que realizam muitas horas de diferentes tipos de tarefas de cuidados não remunerados em casa. E 70% a 90% dos homens em 15 países concordaram que “Sinto-me tão responsável pela prestação de cuidados como a minha parceira” – embora não tenhamos perguntado às mulheres se concordavam com tal asserção. A única exceção é a Índia.

A maioria das mães – e dos pais – afirmou que os seus níveis de cuidados aumentaram durante a pandemia de COVID. A proporção de mães que afirmaram que a quantidade de cuidados que prestaram aumentou na fase de confinamento foi, em média, mais elevada do que a dos pais.

NORMAS DE GÉNERO – IMPORTA O QUANTO OS HOMENS (E AS MULHERES) ACREDITAM QUE CUIDAR É TRABALHO DE HOMEM.

A maioria das mulheres e dos homens concorda que o trabalho de cuidar é da responsabilidade tanto de mulheres e homens, e a maioria das mulheres e dos homens acredita que as mulheres podem ser mães e líderes. 61% dos homens e 65% das mulheres discordam globalmente da seguinte afirmação: “Mulheres que participam em cargos de liderança não podem ser também boas esposas e mães”. E apenas 32% dos homens e 27% das mulheres concordam com a norma injusta de que “Mudar fraldas, dar banho e dar de comer aos filhos são responsabilidades da mãe”.

A grande maioria dos pais considera que tanto os filhos como as filhas devem ser ensinados a prestar cuidados, o que constitui um sinal positivo de

mudança. A maioria dos homens e das mulheres – mais de 80% na maioria dos países – discordou da afirmação de que “Os rapazes não devem ser ensinados a fazer tarefas domésticas e de cuidados durante a infância”.

MULHERES E HOMENS NÃO O PODEM FAZER SOZINHOS: A NECESSIDADE URGENTE DE ADVOCACY E MUDANÇA DE POLÍTICAS

Enquanto a maioria dos pais e mães (63%) afirma ter algum tipo de apoio, quase um em cada cinco pais ou mães (17%) afirma não ter qualquer apoio. Quando questionados sobre as razões pelas quais não têm todo o apoio para cuidado de que necessitam, os custos e a falta de cuidados a custos acessíveis foram os fatores mais apontados tanto pelas mães como pelos pais.

Mais de metade das mães e dos pais afirmaram que o ativismo político em prol de políticas de licenças para prestação de cuidados era importante para si. Esta percentagem variou entre 57% para os pais e 66% para as mães na Índia, e 92% para os pais e 94% para as mães no Ruanda. Sem uma mudança política que apoie a igualdade na prestação de cuidados, a mudança individual não será suficiente.

Uma proporção significativa de homens e mulheres de todos os países afirma ter tomado alguma forma de iniciativa para melhorar as políticas de cuidados. A percentagem mais elevada (74%) de mulheres e homens falou com amigos e familiares sobre a questão, seguida de 39% de mulheres e 36% de homens que afirmaram ter assinado ou partilhado uma petição online e 27% de mulheres e 33% de homens que participaram num evento presencial para apoiar a causa. Por último, 20% das mulheres e 25% dos homens afirmaram ter contactado ou falado com líderes locais. Isto sugere um horizonte inexplorado de envolver homens e mulheres na exigência de políticas de cuidados de que todos os agregados familiares necessitam.

IMPORTÂNCIA DA LICENÇA PARENTAL: A REMUNERAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA A UTILIZAÇÃO DA LICENÇA

Os pais e mães têm a percepção dos benefícios de gozar a licença remunerada para prestação de cuidados. 87% das mães e 85% dos pais consideram que o gozo de uma licença remunerada para prestação de cuidados ou assistência a filhos/as¹ beneficiará os/as seus/suas parceiros/as e os/as seus/suas filhos/as.

Entre as pessoas a trabalhar e a quem foram oferecidas licenças, mas que não gozaram todas as licenças disponíveis, a insuficiente remuneração de substituição foi a razão mais comum, mencionada por 49% dos homens e das mulheres. Este dado é coerente com outros estudos que concluem que a remuneração é fundamental para o gozo das licenças, em especial para os pais (homens)². Isto deve-se ao facto de ainda ser frequente os homens ganharem mais do que as mulheres e, a menos que a licença seja totalmente paga, a família não se pode dar ao luxo de perder o rendimento do homem. No entanto, o World Policy Analysis Center apurou que apenas 24% dos países com licença parental partilhada garantem pelo menos 80% dos salários.

Outros obstáculos importantes ao gozo da licença incluem as experiências no local de trabalho. Entre estas contam-se o medo de perder o emprego (40%), entidades empregadoras que não os apoiam (36%) ou o receio de serem julgados por amigos/as ou colegas por gozarem a licença (18%).

1 As “licenças remuneradas para assistência” incluem a licença de maternidade, paternidade e parental, mas também podem incluir a licença partilhada ou a licença não parental, como os “faltas para assistência à família” (direito a baixa para apoio à família) ou “licença para assistência a filho ou familiar”.

2 O número de países que oferecem licença paga aos pais (homens) após o nascimento de uma criança (conhecida como licença de paternidade) por qualquer período de um dia ou mais aumentou significativamente, de 25% em 1995 para 63% em 2022, quando 186 países ofereciam qualquer licença parental para cuidar de bebés às mães e 122 ofereciam qualquer licença parental para cuidar de bebés aos pais. No entanto, a duração da licença de paternidade é frequentemente curta: 9 dias (1,3 semanas) é a média global e existem muitas variações entre os países.

Pais e mães preocupam-se o suficiente com as licenças para estarem dispostos a tomar medidas para obter mais tempo de licença remunerada.

Estas medidas incluíam “defender a questão no trabalho” e mudanças de vida, tais como mudar de trabalho ou abdicar do emprego para terem mais tempo para cuidar dos filhos. Em média, as mães mostraram-se mais dispostas a tomar iniciativa do que os pais, mas ambos os grupos revelaram um nível relativamente elevado de vontade de agir. Em muitos agregados familiares em todo o mundo, o facto de os homens auferirem salários mais elevados e a sua participação no local de trabalho ser melhor remunerada, a segurança no emprego e a substituição adequada do salário têm frequentemente prioridade nos agregados familiares sobre a prestação de cuidados ou o gozo de licenças com salários reduzidos.

RECOMENDAÇÕES

Incentivar uma ética de cuidado entre homens e rapazes e ver mais homens a cuidar num número cada vez maior de formas, particularmente defendendo políticas de cuidado nos governos e nos locais de trabalho, é importante para as famílias e para a sociedade como um todo, e é um caminho ainda inexplorado para ajudar a quebrar os ciclos de violência, de desigualdade e as reações negativas à igualdade das mulheres. Para alcançar a plena igualdade no trabalho não remunerado de cuidado e para que os homens participem plenamente como defensores plenamente investidos no cuidado, temos de ser pessoas **CUIDADORAS - CARING**³:

3 Nota de Tradução – Por forma a mantermo-nos fiéis ao sentido original, mantivemos o termo ‘*caring*’ que, em inglês, assume um duplo sentido: *caring*, no sentido em que nos preocupamos com as questões relativas ao cuidado e *caring* enquanto pessoas cuidadoras.

C – Colocar os sistemas de cuidado no centro das políticas e instituições públicas

1. Os governos devem estabelecer políticas públicas nacionais de cuidado e campanhas que reconheçam, reduzam e redistribuam o trabalho de prestação de cuidados de forma equitativa entre homens e mulheres.
2. Alargar os programas de proteção social para redistribuir os cuidados de forma equitativa entre mulheres e homens desempregados ou que trabalhem na economia informal, sem perder de vista as necessidades e os direitos de mulheres e raparigas.
3. Prestar cuidados infantis públicos e de elevada qualidade, que facilitem a plena participação nas atividades económicas de todos os pais, mães e pessoas cuidadoras que trabalham.
4. Transformar as instituições do setor da saúde para promover o envolvimento dos pais (homens) desde o período pré-natal até ao nascimento e à infância, bem como o envolvimento dos homens como cuidadores.
5. Os governos devem responsabilizar os líderes políticos masculinos pelo seu apoio às políticas de cuidado, ao mesmo tempo que defendem a igualdade das mulheres na liderança política.

A – Advogar uma cultura de cuidado em todos os locais de trabalho

6. Estabelecer uma licença parental igual, remunerada e intransmissível para todos os pais que exerçam atividade profissional da empresa.
7. Criar um local de trabalho amigo da família, implementando políticas como dias de assistência, trabalho à distância, horário flexível, estruturas de cuidado a crianças ou de amamentação e promover a igualdade da prestação de cuidados através dos canais de relações públicas internas da empresa e de marketing.

8. Rastrear indicadores de igualdade na prestação de cuidados nos inquéritos e relatórios da empresa. (Por exemplo, o rácio de homens em relação às mulheres que gozam a licença parental e a quantidade de licença gozada).

R – Revolucionar a forma como os rapazes são ensinados sobre cuidado

9. Começar cedo para promover a ligação e a expressão emocionais, para reformular a masculinidade e a juventude como cuidadoras e valorizadoras do cuidado. Isto significa envolver pais e mães, professores/as, colegas e treinadores/as, e proporcionar oportunidades práticas para os rapazes aprenderem e praticarem a prestação de cuidados.
10. Aproveitar o poder das ferramentas digitais criando materiais educativos adequados à idade.
11. Fabricantes e produtores de brinquedos, jogos e vestuário, bem como de programas de televisão, devem promover a igualdade de género entre crianças e jovens, promovendo também ideias cuidadoras sobre masculinidade e juventude.

I – Investir em serviços de cuidado, medir a equidade no acesso à cobertura dos serviços em todos os níveis de rendimento, por género e idade

12. Investir em cuidado e em sistemas de cuidado para que as mudanças sejam financiadas e incluídas nos orçamentos governamentais.
13. Recolher dados regulares sobre a utilização do tempo de trabalho não remunerado de cuidado e a sua repartição entre mulheres e homens, raparigas e rapazes, em todos os grupos socioeconómicos e etários, e utilizá-los para medir os progressos em matéria de igualdade, e fundamentar decisões políticas e orçamentais.

N – Normalizar licenças parentais iguais e intransferíveis para pessoas cuidadoras a nível da política nacional

14. Estabelecer na legislação nacional uma licença parental igual, totalmente remunerada e intransferível para todos os pais, para além da licença de maternidade para necessidades de saúde relacionadas com a gravidez e o parto.
15. Aumentar o número de dias de licença parental remunerada para os homens, de modo a obter uma licença parental igual, remunerada e substancial para todos os pais, com um mínimo de 14 semanas para ambos os progenitores e uma parte não transferível para os pais (homens).
16. Os governos nacionais devem trabalhar para garantir a distribuição da licença parental paga, incluindo os trabalhadores com emprego informal.
17. Entidades multilaterais regionais, como a União Europeia, a Organização dos Estados Americanos e a União Africana, e os bancos multilaterais de desenvolvimento podem trabalhar no sentido de elaborar diretivas regionais que incentivem ou tornem obrigatórias as medidas relativas à licença parental em mais países, especialmente no Sul Global.

G – Gerar conteúdos mediáticos de grande alcance que retratem homens e rapazes como cuidadores atenciosos e competentes e que normalizem o cuidado como sendo universal

18. Implementar campanhas mediáticas e de comunicação para promover o envolvimento dos homens no trabalho de cuidar, prevenir a violência baseada no género, ensinar o valor do cuidado e promover relações equitativas, não violentas e de prestação de cuidados.
19. Produzir, apoiar e multiplicar campanhas, programas de televisão e outros meios de comunicação social que mostrem homens e rapazes a assumir os

cuidados em casa e a partilhá-los igualmente com as suas parceiras.

20. Apoiar a participação ativa de pais (homens) e de cuidadores do sexo masculino no trabalho de prestação de cuidados, através de campanhas públicas que desafiem as comunidades para a mudança.

Cuidar é o que é ser humano. Cuidar reciprocamente e das nossas famílias é a forma como sobrevivemos enquanto espécie. É a única forma de prosperarmos e sobrevivermos no meio das muitas crises que o nosso mundo está a enfrentar. E para colocar o cuidado no centro precisamos de basear-nos em décadas de trabalho das feministas e garantir que milhões de homens e rapazes se juntam à revolução inacabada que é a igualdade no cuidado.



equimundo MenCare

A tradução portuguesa deste sumário teve o apoio de:



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

